

DA POESIA À HISTÓRIA (Cassiano Ricardo no seu centenário)

Odilon Nogueira de MATOS

Paulista de São José dos Campos, nasceu Cassiano Ricardo a 26 de julho de 1895. Realizados os primeiros estudos em sua cidade natal, veio para a capital, onde iniciou o curso jurídico, que concluiu no Rio de Janeiro, em 1917. Nessa época, já havia publicado seus dois primeiros livros de poesia, **Dentro da noite** e **A frauta de Pã**, e pouco depois publicaria **Jardim das Hesperides**. Após uma infrutífera tentativa de exercer a profissão em sua cidade e em São Paulo, abre-se na vida de Cassiano Ricardo uma fase gaúcha, de apenas cinco anos, mas muito movimentada. Estimulado por um seu cunhado que fora residir no Rio Grande do Sul, decidiu-se também Cassiano a conhecer o estado sulino. O Rio Grande, escreveu ele, “sempre exerceu grande fascínio sobre meu espírito. A começar pelas figuras dos seus heróis nos livros do grupo escolar. Gostava mais de Osório que de Caxias, embora admirasse a ambos. Ouvia falar em Gumercindo Saraiva, em Gaspar da Silveira Martins, em Assis Brasil e nas coxilhas onduladas. O pampa me vinha à imaginação como a própria bandeira da Pátria, verde, estendida no solo”. Com essa forte motivação, partiu para o estado sulino, fixando residência em Vacaria e, depois, em Passo Fundo.

Gostou muito do Rio Grande do Sul. Chegou a dizer mesmo que teria ficado por lá, pois habituou-se com a sua gente, com os seus costumes benfazejos, com a sua paisagem social e humana, com os amigos que angariou, enfim tudo o que, em suas próprias palavras, fizeram-no melhor acreditar nos valores da vida. Mas, cometeu o erro, talvez melhor a imprudência de se meter em política, precisamente num dos momentos mais agitados da vida sul-riograndense, aquele que precedeu a sangrenta e inútil revolução de 1923. Borges de Medeiros disputava mais uma vez a presidência do Estado. Cassiano apoiou desassombadamente a ala oposta, chefiada por Assis Brasil, de quem se dizia grande admirador, cuja obra já havia lido e conhecia seu renome como tribuno notável. Quando Assis Brasil, em

campanha, visitou Vacaria Cassiano Ricardo foi designado para saudá-lo. E isto aproximou mais ainda o jovem poeta paulista e o experimentado político gaúcho. Mas, Borges de Medeiros foi vitorioso, assumindo pela sexta vez o governo do Estado.

Cassiano comprometera-se demais na campanha contra o velho Borges, e alguns amigos fizeram-no ver o risco que poderia correr, continuando em sua atividade jornalística e na intensa participação na vida política local. E o “clima” não era nada animador, como o demonstrou a revolução que meses depois eclodiria. Diante disso, julgou prudente retornar a São Paulo. Mas, além da saudade e das recordações de uma terra de que tanto gostou, Cassiano Ricardo viu assegurada eternamente a sua presença no Rio Grande do Sul. Isso ocorreu trinta anos depois. Os que já estiveram em Caxias, certamente conhecem o grandioso monumento, que a cidade erigiu aos imigrantes. Pois bem, com tanto poeta gaúcho e muitos deles vinculados às correntes imigratórias, foi ao paulista Cassiano Ricardo que os promotores da homenagem convidaram para escrever a legenda que complementa o grande monumento. E lá está, como *acre perennius*, os versos tirados pelo próprio poeta de seu livro **Borrões de verde e amarelo**.

Meu conhecimento pessoal e direto com Cassiano Ricardo não foi através da poesia. Foi por uma, conferência que dele ouvi sobre a participação do negro no movimento bandeirante. Foi em 1938, quando se comemorou o cinquentenário do 13 de maio. Já residindo em São Paulo e estudante do curso de Geografia e História da Universidade, tive oportunidade de acompanhar toda uma série de conferências promovida pelo Departamento de Cultura da Municipalidade e realizada num excelente salão, não mais existente, denominado “Trocadero”, que se situava atrás do Teatro Municipal. É me grato e significativo recordar que, em várias dessas conferências, tive a companhia de Lourdes Fonseca, uma das inteligências femininas mais brilhantes que tenho conhecido, e que veio, bem mais tarde, a casar-se com Cassiano Ricardo.

Encontrando-se no Rio Grande do Sul em 1922, não teve Cassiano Ricardo oportunidade de participar da Semana de Arte Moderna. Aliás, tem-se dúvida se de lá teria participado se aqui estivesse, pois, ao retornar a São Paulo em 1923, coloca-se, não diria contra, mas em desacordo com certos ideais estéticos da Semana. E esse desacordo é que o leva a criar o Movimento “Verde-Amarelo”, de um nacionalismo mais autêntico que o da Semana. É ele próprio quem, nas suas memórias, afirma: “Oswald (de Andrade) havia descoberto o Brasil na Europa; queríamos (os do grupo Verde-Amarelo) descobrir o Brasil no Brasil mesmo; somar mais Brasil

dentro do Brasil. Verdamarelismo contra futurismo italiano, contra dadaísmo francês, contra expressionismo alemão”. E é ele ainda quem cita o apelo do escritor francês Benjamin Crémieux aos intelectuais brasileiros: “Não nos copieis mais; sede apenas fraternais conosco”.

É desse movimento que resulta a coleção “Novíssima”, publicada pela Editora Helios, e que constituiu, no dizer de Cassiano Ricardo, “a primeira, brasileira aparecida em nosso país”, tomada aqui a palavra “brasileira” no sentido de coleção de obras, não importa se de erudição ou de ficção, versando sobre temas brasileiros. Tanto assim que, nessa coleção, ao lado de “O Estrangeiro”, de Plínio Salgado, de “A outra perna do saci”, de Menotti del Picchia, de “Borrões de verde e amarelo” e “Vamos caçar papagaios”, do próprio Cassiano, apareceram duas obras capitais da cultura brasileira da década de 20: “Raça de gigantes”, de Alfredo Ellis Júnior, e “Introdução ao pensamento nacional”, de Candido Mota Filho. A primeira era um estudo sobre a história social do planalto paulista, quinze anos depois reeditado, com título diferente, na coleção denominada “Brasileira”, da Companhia Editora Nacional; quanto à segunda, constituía excelente estudo sobre o romantismo, dos melhores já elaborados entre nós, infelizmente nunca reeditado.

Raríssimos são hoje esses livros da “Novíssima”, de Cassiano Ricardo, primeira tentativa editorial pensada em termos de Brasil. E isso numa época em que até os livros didáticos vinham da Europa. Didáticos e infantis. Quem, desse tempo, não se lembra da “História Natural”, de Pinson, da “Física”, de Nobre, da “História Universal”, de Raposo Botelho, ou das adaptações feitas em Portugal dos contos de Andersen, Perrault e dos Irmãos Grimm? E quando as editoras brasileiras ou franco-brasileiras, como a Garnier ou a Briguier, lançam os primeiros livros didáticos entre nós, eles não são mais do que adaptação de clássicos manuais franceses, tipo Langlebert ou Seignobos, na área da História.

É muito significativo, na trajetória intelectual do Cassiano Ricardo, que, um dia, o poeta se fizesse ensaísta e historiador. De como isso aconteceu, ele próprio mais de uma vez no-lo relatou. E essa volta ao passado, rebuscando arquivos, consultando documentos, para a elaboração de uma obra, não diria tão grande quanto a sua poesia, mas, de qualquer forma uma obra que o estudioso de nossa história não poderá ignorar, seria mesmo o caminho natural para melhor traduzir o sentido nacionalista de sua obra. Há outros exemplos de poetas que julgaram necessário fazer história. Cita-se sempre o caso de Claudio Manuel da Costa, o grande vate da Inconfidência, que, elaborando um extenso poema épico sobre a sua Vila Rica, julgou

necessário precedê-lo de um “Fundamento histórico”, que se tornou uma das peças mestras da historiografia colonial mineira. É claro que um poema, por maior ambientação histórica que contenha, não precisa necessariamente ser uma lição de história. Bilac não julgou preciso nenhum fundamento histórico para “O caçador de esmeraldas” e nem Vicente de Carvalho para “Fugindo ao cativo”. E estão entre os maiores poemas da língua.

No caso de Cassiano Ricardo talvez não tenha sido a necessidade de embasamento histórico para qualquer dos seus poemas, mas o próprio sentido nacionalista de sua obra levou-o a interessar-se pelo passado de sua terra, de nossa terra. E note-se que o sentido nacionalista em Cassiano não está vinculado a movimento algum, pois a própria Semana de Arte Moderna, da qual se costuma, nem sempre com muita razão, datar as tendências nacionalistas da cultura brasileira, não teve a sua participação, pois na época vivia no Rio Grande do Sul, e não seria lá, numa pequena cidade do interior, que iriam chegar-lhe os ecos do movimento, uma vez que sua ação praticamente se circunscreveu a São Paulo e ao Rio de Janeiro. Só muito mais tarde é que sua influência se faria sentir.

Os dois assuntos implícitos no tema da conferência do “Trocadero”, a que aludi - negro e bandeirismo - passaram daí por diante a interessar a Cassiano Ricardo, que frequentes vezes voltou a escrever sobre ambos. O bandeirismo paulista (tomado esse termo num sentido bem mais amplo do que a moderna historiografia lhe dá) inspirou ao poeta sua maior obra em prosa - **Marcha para Oeste** - na qual procurou uma interpretação sociológica do movimento. Muitas críticas foram formuladas ao seu livro. Historiadores - talvez melhor cronistas - rígidos demais na sua preocupação factual, viram na obra uma indébita invasão de um poeta no campo sagrado da História. Como alguém que, avançando demais o sinal, se pusesse, com espírito poético, a reformular a história de um dos acontecimentos mais importantes de nosso passado.

O fato é que Cassiano sentia que um episódio tão importante, dos maiores na história da expansão territorial da humanidade, não poderia ficar a vida toda sendo simplesmente um rol de nomes e datas, e praticamente a isso se reduziam as grandes obras que sobre o assunto haviam sido escritas, com raras exceções. Cassiano viu alguma coisa mais no bandeirismo e esse algo mais lhe pareceu bem mais importante do que a simples crônica. Não quero afirmar que sua interpretação seja totalmente correta. Nenhuma jamais o será. Mas, é inegável que seu livro abriu uma perspectiva nova para a compreensão do problema.

Marcha para Oeste é passível de crítica, não há dúvida, mas dos ataques que sofreu por parte dos historiadores que, não conformados com a invasão de sua seara por um poeta, contra ele assestaram suas baterias, de nenhum me lembro (a não ser Alfredo Ellis Júnior) que efetivamente visasse ao âmago da obra. Ficavam na maioria em considerações vazias acerca do poder ou não poder o poeta, quase sempre dado à fantasia, tratar de um assunto tão “serio”, como deve ser a história. A observação de Ellis Júnior era pertinente e dizia respeito ao ponto realmente vulnerável do livro, que é a presença do elemento negro nas bandeiras paulistas. Acreditava Ellis que Cassiano havia estimado excessivamente essa presença. E no entender do historiador, tal falha decorria da pouca familiaridade do poeta com a documentação histórica. Essa não familiaridade com a linguagem dos documentos teria levado Cassiano a tomar a palavra “negro”, que neles aparece, como sendo negros de origem africana, quando, na realidade, é ao índio que ela se refere. Quando se tratava do negro mesmo, a linguagem, dos documentos era sempre mais precisa: “negros da África”, “negros de Angola”, “negros da Guiné”, etc., e esses, de fato, quase não existiam no planalto paulista, onde a pobreza franciscana revelada pelos inventários e testamentos não permitia o luxo da importação de escravos da África. Lançava-se mão do índio, o que prova a grande influência indígena no planalto e sua efetiva participação no movimento sertanista.

Os reparos de Ellis à tese de Cassiano foram condensados num pequeno trabalho que o historiador apresentou a um congresso de História realizado no Rio Grande do Sul por aquela mesma ocasião (1940 ou 41) e publicado nos respectivos anais. Pequeno trabalho, de apenas dez ou doze páginas, mas que valeria a pena ser reeditado. Aliás, o próprio Cassiano, sem dar inteiramente mão à palmatória, reviu alguns tópicos de seu livro para as novas edições. Seu livro não esgotou o assunto. Sobrou, ainda muita coisa, para um pequeno **Ensaio de bandeirologia** e para um importante estudo sobre a presença espanhola no planalto paulista, elaborado a propósito do tricentenário da aclamação de Amador Bueno, em 1941, publicado em “O Estado de S. Paulo” em abril daquele ano, e que tive oportunidade de reproduzir em o nº 156, desta publicação.

O poeta tomou gosto pela história. Outro tema, por exemplo, que o apaixonou, foi o do “homem cordial”. A idéia, ao que parece, veio-lhe da leitura de **Raízes do Brasil**, o clássico livro de Sérgio Buarque de Holanda, e deu origem a uma pequena polêmica com o grande historiador. O trabalho de Cassiano que, na forma definitiva, pode ser encontrado junto com outros escritos num pequeno volume publicado em 1959 pelo Instituto Nacional do

Livro, constitui apreciável contribuição à psicologia social e à caracteriologia de brasileiro, numa época em que o tema era praticamente novidade entre nós. Aliás, nesse volume que recebeu o título de **O homem cordial e outros estudos brasileiros**, há páginas valiosas versando sobre Anchieta, Pedro Lessa, Luís Guimarães Júnior, João Ribeiro e Euclides da Cunha, páginas de circunstância, mas que se revestem de interesse permanente, revelando a disposição do autor para temas não apenas literários, mas também históricos.

O transcurso do cinquentenário do Tratado de Petrópolis, em 1953, propiciou a Cassiano Ricardo excelente oportunidade para elaborar, por encomenda do Itamarati, o melhor trabalho que sobre o assunto existe em nossa bibliografia. Quando de seu aparecimento, em 1954, escrevi sobre ele um longo artigo na revista "Anhembí" (de saudosa memória...), na qual colaborava com resenhas e críticas de livros. Não julgo necessário repetir o que então escrevi.

Dispondo de livre acesso aos arquivos do Itamarati, foi possível ao autor manusear toda a vasta documentação que ali se encontra, notadamente a de ordem cartográfica, e que serviu à elucidação do intrincado problema das nossas fronteiras, desde 1750 até 1903. Sistematizou muita coisa que se achava esparsa e aproveitou, tanto quanto lhe foi possível, a bibliografia sugerido pelo assunto. Se alguns reparos podem ser feitos ao seu método de trabalho ou de exposição, ou mesmo ao plano da obra, isso em nada desmerece o serviço que prestou à nossa bibliografia histórica, pondo-nos ao alcance a complicada história do Tratado de Petrópolis, para cuja solução tanto se empenhou o Barão do Rio Branco, assessorado por Assis Brasil.

Depois de tantos livros a estudarem o Acre por dentro - Euclides, Raimundo Moraes, Araujo Lima, Viana Moog, Craveiro Costa, Artur Reis, Leandro Tocantins, para citar apenas os mais conhecidos, - surgia a obra de Cassiano Ricardo a estudá-lo por fora. O roteiro seguido pelo autor fixa três etapas principais: a primeira é a dos conquistadores portugueses e paulistas que para aí convergiram na grande marcha para oeste, a da penetração histórica; a segunda é a dos exploradores da região, dos regatões e das expedições de reconhecimento do Alto Purus e Alto Juruá; a terceira é a dos povoadores cearenses que, em grandes e rumorosas levas, se apossaram definitivamente do território. Cada Tratado, o de 1750, o de 1867 e o de 1903, corresponde a cada uma dessas três fases. A questão do Acre não surgirá de uma descontinuidade da posse brasileira; surgirá de um erro da interpretação dada ao tratado de 1867 e de vários outros erros que só foram corrigidos em 1903. De Ayacucho (1867) a Petrópolis também existem três fases: a dos primeiros exploradores da região, a dos povoadores cearenses, que a penetram

e aí se localizam na exploração da borracha e a das insurreições contra os bolivianos, na defesa do território já ocupado pelos brasileiros.

A obra de Cassiano Ricardo interessa à história política, à história administrativa, à história das fronteiras e também à geopolítica. Há nela, ainda, panamericanismo e boa vizinhança, lições encerradas nas cláusulas do tratado de 1903, como que a recordar o que já fora pensado por Alexandre de Gusmão no século XVIII e por Bolívar, no século passado, no seu sonho de uma federação sul-americana.

Com relação ao nosso homenageado, poderia ainda recordar o jornalista que dirigiu "A Manhã", um jornal criado especialmente para a propaganda do "Estado Novo", mas que, pondo de lado suas conotações políticas, prestou assinalado serviço à cultura brasileira, pois durante pelo menos cinco anos abrigou semanalmente o melhor suplemento literário já editado no Brasil - "Autores e Livros" -, dirigido por Mucio Leão. Cada fascículo dedicado a um autor, uma coleção desses suplementos constitui extraordinário acervo para o estudo da literatura brasileira, reunindo vasto material, com muita coisa inédita, nunca aparecida em livro. E, finalmente, suas memórias - **Viagem no tempo e no espaço** - depoimento precioso para a história da cultura de São Paulo e do Brasil desde a década de 20, que foi quando se acentuou sua participação na vida intelectual do país, participação que se prolongou praticamente até o seu falecimento, ocorrido a 15 de janeiro de 1974. Depoimento que, desde já, serve à história.